

O Militante



BOLETIM DO COMITÉ CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS

UNIDADE TAREFA CENTRAL DO PARTIDO

Os militantes do Partido têm hoje à sua disposição um material de primeira água. «Rumo à vitória», relatório ao C.C. do camarada Álvaro Cunhal, onde se defende a táctica do Partido na actual etapa histórica, desenvolve os pontos programáticos com a proposta da inclusão dum 8º ponto — «A democratização do ensino e da cultura» e dá resposta adequada aos oportunistas da direita e ao radicalismo pequeno-burguês que saem destituídos.

A importância política do trabalho de unidade é posto em evidência ao longo de todo o Relatório e mais duma vez é classificado como «tarefa central do Partido do proletariado».

Ao Partido como organização superior, o estado-maior da classe operária, compete-lhe uma responsabilidade particular como impulsionador e principal obreiro da unidade das forças anti-fascistas, assente na classe operária aliada ao campesinato, à pequena burguesia urbana e vastos sectores da média burguesia.

Um balanço positivo

As I e II Conferências das Forças Anti-Fascistas e mais recentemente a 3ª Conferência devem muito do seu êxito ao Partido que não se tem poupado a esforços para estruturar um movimento anti-fascista assente na unidade de acção, capaz de dirigir de facto a luta anti-fascista.

A formação da F.P.L.N. foi um passo em frente e a sua constituição fomentou a criação de Juntas por todo o país.

Um balanço da actividade a partir da Iª Conferência é positivo e nele está contido uma grande parte do trabalho incansável dos militantes do Partido que se traduz na constituição de Juntas, de norte a sul do país. Surgiram vários jornais unitários, bons companheiros de luta como a «Unidade e Acção», «A Verdade», «Terra», «Jovens Livres», e prosseguiu a publicação do «Amanhã», a par de muitos outros de carácter mais restrito.

Algumas deficiências do nosso trabalho

Mas um tal balanço mostra também deficiências e erros ao nível das células, comités e direcções regionais.

E isto não pode ser explicado em exclusivo pela repressão, ou como hoje se ouve com demasiada frequência «pela necessidade de defesa». Ontem como hoje a defesa é uma tarefa de todo o Partido, mas o Partido defende-se não como um fim em si mesmo, mas como um meio para poder realizar as tarefas impostas pela actual conjuntura política. Devemos saber passar à defensiva no preciso momento e ocasiões há em que se verifica a imperiosa necessidade de parar e mesmo recuar, e devemos ter a coragem de o fazer mas para logo, no oportuno momento, avançarmos com mais audácia e passarmos à ofensiva onde haja condições.

Citamos um exemplo em que estranho conceito de defesa prejudicou gravemente o trabalho de unidade. Ao serem analisadas, no concreto, as possibilidades de trabalho unitário dum sector do Partido, dizia o camarada responsável ver bem as boas perspectivas existentes, citava mesmo o número de 30 a 40 credenciais possíveis de se obter, todavia — acrescentava —, «um tal trabalho se fosse feito abria a defesa conspirativa do sector».

Juntas são organismos de combate

Há bons militantes, dedicados, capazes de formar uma ou mais Juntas, mas depois perguntam o que devem fazer. Será que estes camaradas ao iniciarem o seu trabalho tinham ideias sobre a execução da tarefa e estavam senhores da linha política do Partido?

Outros informam estarem constituídas Juntas no seu sector, mas também não sabem o que não-de fazer e informam estarem a aguardar contacto e orientação dos organismos dirigentes unitários.

Proceder-se assim é cometer um erro grave. Devem ser tomadas medidas para uma ajuda dos organismos unitários dirigentes às Juntas de base.

Mas os nossos militantes não podem ficar parados à espera dum contacto ou de orientação unitária. Esta espera resulta, regra geral, na desagregação e o completo desaparecimento duma junta que se constitua.

Junta formada deverá ser um organismo a

actuar, a dirigir lutas, a realizar um trabalho de combate contra o salazarismo e esse trabalho deverá ser encabeçado e impulsionado pelos militantes, como elementos de vanguarda, quer essa junta esteja ou não ligada aos organismos unitários de topo.

Só a acção pode fortalecer a unidade

Todo o militante deverá estar capacitado para não vir dizer que não sabe o que fazer. Quando assim sucede só se pode encontrar uma explicação. O camarada não estudou os materiais do Partido, estes não são discutidos no seu organismo quando este reúne, ou então pretende-se uma discussão sem limites, sem a preocupação primeira de todo o militante — quais as medidas práticas a tomar para levar às massas, na esfera da minha acção, a linha política do Partido?

Quando esta pergunta é feita sempre se encontra uma resposta e depressa encontramos directrizes para activar uma junta, seja no trabalho de desmistificação e agitação contra a guerra colonial (onde se incluía a aproximação e esclarecimento dos militares e jovens mobilizados), contra o aumento do custo de vida, reivindicações de carácter local, trabalho de recrutamento, agitação com inscrições, confecção de tarjetas, duma pequena folha, luta pelo aumento de salários, a divulgação dos objectivos duma Reforma Agrária, denúncia dos Pides, bufos e provocadores, actividades recreativas e culturais, etc., etc. Todo um campo de acção muito longe de estar esgotado com os exemplos dados, onde se deve ter em conta os problemas concretos do meio onde se actua, o grau de expe-

riência, de consciência dos participantes da Junta.

O mais importante em toda esta questão, é ter bem nítida a noção que é a partir das lutas, da movimentação das massas que a unidade pode ser alargada e consolidada. Nada mais prejudicial à unidade que a inacção e o sebastianismo.

Por aquilo que já se conhece da 3.^a Conferência da F.P.L.N., como aliás, por aquilo que sempre foi a orientação do Partido, verifica-se que no momento presente se coloca como tarefa das mais urgentes encontrar pontos comuns de acção com as forças democráticas não integradas na F.P.L.N.

A luta contra a guerra colonial, contra a repressão, as Medidas de Segurança e pela amnistia, contra a censura, etc., são problemas profundamente sentidos pela quase totalidade dos portugueses, à volta dos quais se têm desenvolvido numerosas acções com a participação de democratas e anti-salazaristas de tendências diversas. O facto de haver algumas forças democráticas que por razões várias se não dispuseram ainda a aderir à F.P.L.N., exige que cada vez mais se encarem no terreno prático acções conjuntas. Para isto é fundamental e imprescindível a iniciativa e dinamismo das Juntas de Acção Patriótica

Indispensável uma boa política de quadros

Também um erro frequente é indicar-se quadros para realizarem trabalho de unidade sem a qualificação necessária e muitas vezes com más provas prestadas noutras tarefas, o que frequentemente constitui até «recomendação» para ser lançado neste trabalho. Uma tal concepção não é forma de ajudar os quadros nem o trabalho do Partido. Revela incompreensão grande sobre a importância do trabalho unitário e sobre as dificuldades duma tal tarefa para a qual são exigidos quadros ideologicamente bem formados, com capacidade de realização, de iniciativa e organizadores. São quadros que terão de saber levar com firmeza e intransigência a linha unitária do Partido aos organismos unitários e ao mesmo tempo devem resistir à forte pressão exercida sobre eles pelo contacto permanente com ideologias estranhas ao marxismo-leninismo.

Se não tivermos em conta estes factos numa junta

política de quadros destacados para um combate de primeira linha, pela unidade de acção, condição indispensável para o derrubamento do fascismo, os quadros débeis sossobrarão ou como resultado da responsabilidade da tarefa ou, o que é pior, permeáveis às ideologias burguesas e pequeno-burguesas tornam-se porta-vozes do legalismo, oportunismo das direitas ou do sectarismo radicalismo pequeno-burguês tão em voga nos tempos que vão correndo e que constitui presentemente o perigo principal dentro do movimento anti-fascista.

O trabalho de unidade, a constituição de Juntas de Acção Patriótica e de outros organismos unitários, capazes de mobilizar, unir, organizar as massas populares e conduzi-las em pequenas e grandes lutas, em todos os campos, legal, semi-legal e ilegal, exige dos militantes do Partido intenso e correcto trabalho ideológico, de propaganda e agitação, de organização e acção.

«GUERRA AOS TRAIDORES»

Na sua reunião de Agosto de 63, o Comité Central analisando os prejuízos causados ao Partido e à luta de libertação do nosso povo pela série de traições que se têm verificado, entendeu muito justamente que uma das medidas a tomar para fazer recuar a traição era declarar «guerra aos traidores».

Esta resolução, que do ponto de vista da defesa tem a maior importância para o Partido, não tem por razões várias, merecido a atenção que devia. A guerra aos traidores, enquadrada nos princípios da vigilância revolucionária, na defesa dos quadros e do trabalho do Partido.

Os comunistas são a força mais avançada do proletariado mundial é a eles que cabe a honrosa tarefa de conduzir a classe operária na luta contra o sistema e a exploração capitalista, de conduzir as massas em cada país e toda a humanidade pelo caminho do progresso, da felicidade e da paz. As classes que se opõem a estes nobres objectivos são as classes dominantes, são aquelas que vivem à custa da exploração e da miséria das massas trabalhadoras e do povo. Para defender os seus interesses de classe, as forças do capital, apoiadas em fortes aparelhos repressivos e militares, conduzem uma luta de vida ou de morte contra o proletariado. As guerras ou provocações contra os países socialistas, e jovens estados independentes em várias zonas do globo a instauração de ditaduras fascistas como a que existe em Portugal, os assassinatos, as torturas e perseguições aos comunistas e outros elementos destacados da classe operária, a proibição e repressão das lutas operárias, pela melhoria das suas condições de vida, são entre muitos, aspectos da luta conduzida pela reacção contra a força crescente do proletariado e do socialismo.

Os comunistas e trabalhadores portugueses conhecem como poucos a dureza e brutalidade desta luta. A polícia política (PIDE) instrumento repressivo dum governo inteiramente ao serviço do grande capital, prende, tortura, e assassina impunemente. A mais leve manifestação de descontentamento e de luta pela melhoria das condições de vida pode custar muito caro. Cada comunista sabe que isto é assim, sabe que vindo à luta joga a vida, que pode ser preso e torturado, pode perder a liberdade durante longos anos, etc., mas se mesmo conhecendo tudo isto ele se dispõe a entrar nas fileiras do P. a participar na luta, assume desde logo a responsabilidade de enfrentar com honra o inimigo, de não transigir perante ele, de defender mesmo à custa dos maiores sacrifícios o seu Partido e os seus camaradas. Lutando-se contra o regime, o ser-se preso não pode constituir surpresa, como não pode constituir surpresa ser-se espancado e torturado pela polícia. Tudo isto é suficientemente conhecido e por isso se não pode admitir, seja a que pretexto for, que

um elemento que ainda á pouco julgávamos um camarada, —! um amigo, à vista do primeiro perigo entregue outros camaradas ao inimigo sabendo que com isso pode condená-los às torturas e espancamentos que ele não quiz suportar, à privação da liberdade que não quiz perder, que põe em risco a vida de outras pessoas para poupar a sua, que atrasa a luta pela entrega de organizações e outros prejuízos que causa ao Partido. Tais elementos sejam quais forem as justificações que arranjem, não podem ser aceites entre as pessoas honradas, eles só podem merecer repulsa e desprezo, eles cometem um crime pelo qual têm que responder. Quem por sentimentalismo ou qualquer outra razão, contemporiza com a traição alimenta esta, fovece o jogo do inimigo.

Desgraçadamente aparecem ainda pessoas que pensam que perante o aumento e refinamento das torturas policiais tal ou tal traidor não podia ter tomado atitude diferente. Onde seríamos levados se se aceitasse tal concepção? Em que estado estaria o Partido e a luta popular contra o fascismo se as dezenas e dezenas de camaradas, alguns dos mais responsáveis do Partido, que conheciam ao ser presos o fundamental do trabalho e da organização do Partido, seguissem o mesmo caminho? Será que há camaradas que pensam que as torturas policiais são mais cruéis para uns camaradas, que para os outros? Como explicam que quadros simples do Partido caíam na polícia apesar de barbaramente torturados se recusam a prestar a mínima declaração? É evidente que os camaradas que desculpam os traidores, que arranjam para eles justificações, prestam ao Partido e à luta do nosso povo um péssimo serviço, eles ajudam a propagar a traição em vez de a combater. É a honestidade e a honra, a fidelidade aos ideais da revolução e da causa do proletariado, a firmeza perante o inimigo que têm de ser incentivados e desenvolvidos nos comunistas e nos anti-fascistas e não o contrário.

Como se apresentam alguns traidores

Quando miseráveis como Verdial, Viana, Can-deias e outros têm o desprazo de aparecer em lugares públicos e concorridos, quantas vezes com ares provocatórios, eles querem dizer a quem os olha: «como vêdes pode-se trair à vontade que nada de mau nos pode suceder». O facto de a reacção não ser pronta e enérgica por parte das pessoas sérias que perante eles se encontram significa só por si uma contemporização com a traição. A atitude para com os traidores nem sempre foi assim. Noutros tempos os traidores só muito rara-



mente se abalançavam a enfrentar as pessoas honestas, a aparecer nas suas terras ou a frequentar lugares concorridos onde eram conhecidos, eram eles que fugiam das pessoas sérias e não o contrário, a vida dos traidores era uma vida negra e difícil porque as massas os escorraçavam e quantas vezes encontravam a forma de lhes dar uma ensinadela. É este espírito de intransigência e de ódio para com os traidores que deve de novo ser levantado, mas para que a intransigência e o ódio cheguem às massas é preciso que eles existam profundamente arreigados em todo o Partido, só assim estaremos em condições de fazer uma verdadeira guerra aos traidores como o exige a resolução aprovada pelo C.C.

Há traidores, como alguns que apareceram ultimamente no sector intelectual de Lisboa, que além de se terem portado miseravelmente, têm o descaro de realizar um verdadeiro trabalho de agentes do inimigo, apresentando às pessoas sérias a sua indigna conduta como fazendo parte da orientação do Partido. Entre estes traidores têm-se destacado um tal eng. Arandês. Este e outros da sua laia têm levado o seu trabalho de agentes provocadores ao ponto de insultarem as pessoas que têm a coragem de lhes dizer que eles são na realidade cobardes e traidores. Que têm feito estes elementos para acobertar a sua traição e melhor servir o inimigo? Espalham que, «falarão na polícia para cumprir a orientação do Partido!» «Que esta orientação exige que os militantes do Partido prestem todas as declarações à polícia para reganharem a liberdade e continuarem a luta». Estas e outras falsidades do mesmo quilate só podem ter sido encomendadas pela polícia, o que quer dizer que estes indivíduos a continuarem com as suas calúnias e provocações têm de ser considerados entre os piores inimigos do Partido.

Não menos perniciosos são aqueles que após a sua traição e a liberdade que alcançam à custa dela se apresentam como vítimas dos novos processos policiais — processos que dizem «científicos» e aos quais, afirmam, não ser possível resistir. Estes elementos são traidores como todos os outros, prestam ao inimigo uma excelente colaboração, pois tudo fazem para convencer outros anti-fascistas que perante tais processos não se pode nem vale a pena resistir. Afirmam que os novos métodos policiais obrigam a falar mesmo aqueles que o não queiram fazer e para darem mais «veracidade» às suas invenções chegam a caluniar camaradas sérios e destacados do Partido acusando-os de terem igualmente falado!

Este comportamento duplamente covarde tem em vista dois objectivos; esconder e diminuir a responsabilidade da traição e fazer o frete à polícia que, como é bem de ver, está interessada em que se crie uma mentalidade de terror e de descrença quanto à possibilidade de resistir aos seus «novos métodos» de tortura. Seja como for, quem se esforça por convencer os outros sobre a im-

possibilidade de resistir à polícia, põe-se do lado dos piores inimigos do povo. É portanto como inimigos que têm de ser considerados e tratados.

Outros traidores há ainda que tendo comprado a liberdade à custa de denúncias se apresentam nas suas terras ou meios da sua convivência armados em heróis, atribuindo a sua libertação à «firmeza» com que se portaram perante o inimigo. Só por que faltam por vezes provas imediatas da sua indignidade espalham durante certo tempo a confusão e conseguem a simpatia e por vezes mesmo a ajuda material de pessoas sérias, muitas das quais têm dificuldade em acreditar na verdade quando ela chega. Esta atitude é igualmente miserável, pois mostra também como tais indivíduos, dando-se conta da indignidade, procuram enganar e explorar as pessoas em seu proveito. Tal como os outros, devem ser desmascarados e escorraçados.

Aparecem aliás entre esta escumalha alguns poltrões que têm o descaro de dizer que lhes seria fácil resistir às torturas policiais, mas que não estiveram para estragar a sua vida, pouco lhes importando estragar a vida dos outros.

Além destes, há evidentemente outros que inventam as mais estranhas e inconcebíveis histórias, dizendo uns que falaram depois de terem perdido a consciência, que o fizeram sem saber. Outros dizem que a polícia os enganou através dum ou outro estratagem. Uns falam da saudade e do amor dos filhos e apresentam isto como desculpa da sua traição. Outros atribuem o seu miserável comportamento a uma ou outra doença. Enfim cada um inventa a história que mais convincente lhe parece e raramente aparece um que tem a coragem de dizer toda a verdade; que traiu por covardia, por falta de amor à luta e de lealdade para com os camaradas, o Partido e o povo. A atitude para com os traidores tem de ser de molde que cada um deles fique absolutamente certo de que a sua traição não ficará impune ou esquecida, que ela não dará os benefícios que alguns sonharam tirar dela.

Como fazer a guerra aos traidores?

A guerra aos traidores tem em grande medida de ser deixada à iniciativa das massas populares, mas naquilo que esta tarefa cabe às organizações do Partido ela tem de ser estudada com muita atenção. É evidente que há indivíduos que tiveram mau porte na polícia e por isso deixaram de ter o direito de usar o honroso nome de comunistas. Mas muitos destes indivíduos reconhecendo o seu erro e a sua covardia esforçam-se por reganhar até onde lhes é possível a confiança perdida, participando nas lutas que se desenrolam à sua volta, alinhando sempre com as pessoas sérias, defendendo a política e prestígio do Partido entre as massas, etc. Como é bem de ver, o Partido não amarra ninguém aos seus erros, antes pelo contrá-

rio, vê com simpatia os esforços de tais indivíduos para marcharem pelo caminho da luta ao lado de todos os que têm o desejo sincero de pôr fim ao regime fascista no nosso país.

Em relação a todos aqueles que não apenas se portaram miseravelmente, mas que ainda realizam na cadeia ou em liberdade um trabalho de provocação e de calúnia contra o Partido, que duma maneira ou doutra servem o inimigo, a esses há que pedir contas dos seus actos tão cedo quanto possível. Há que criar à sua volta um círculo de ódio e desprezo. Cada um tem de ter o castigo que merece. Em todos os locais em que eles se encontrem ou apareçam há que lhes fazer sentir que são seres desprezíveis, que a sua traição não está esquecida nem arrumada. Cada organismo do Partido deve discutir de acordo com cada caso de traição e a conduta do traidor quais as medidas que devem ser postas em prática para lhes fazer uma verdadeira guerra. Pode acontecer que em muitos casos este ou aquele traidor não mereça mais do que um total desprezo, mas sendo assim há que encontrar as formas de conseguir que este desprezo seja uma realidade, há que insistir junto das pessoas honradas, primeiro para as esclarecer, depois para as levar a tomar uma atitude de desprezo para com os traidores. Há que desmascarar verbalmente ou por escrito todos aqueles que tendo traído os seus companheiros de luta se apresentam como valentes.

Há que desmascarar com factos e denunciar como agentes do inimigo todos aqueles que espalham uma pretensa impossibilidade de resistir às torturas policiais ou aos «métodos científicos»

utilizados pela polícia. A nenhum destes caluniadores se deve permitir que espalhem entre as massas o seu perigoso veneno.

A fase já avançada em que se encontra a luta revolucionária no nosso país exige um comportamento absolutamente diferente para com os traidores. A intransigência perante os traidores faz parte da intransigência para com os inimigos de classe e a intransigência perante o inimigo faz parte da preparação das condições que conduzirão o povo português à revolução democrática e nacional. Caminhamos para uma fase decisiva da luta contra o fascismo. Cada vez mais as posições ficarão definidas, ou se está com a Nação e o Povo contra o fascismo, ou com o fascismo contra o Povo e a Nação.

O combate contra a traição — a guerra aos traidores faz parte também da luta contra a acção e influência do inimigo nas fileiras dos anti-fascistas. Há que acabar com toda a espécie de sentimentalismos no que se refere à traição. A amizade de um comunista para com um companheiro de luta deve ser a mais firme de todas as amizades, pois que, por detrás dela não está apenas a amizade pessoal, mas a irmandade de luta, está a força dum ideal, que visa levar a cabo a mais nobre tarefa a que uma classe social jamais se votou — transformar o mundo, acabar com a exploração do homem pelo homem, dar a cada trabalhador, a cada cidadão a felicidade, o bem-estar e a paz. Quem numa hora difícil da luta trai estes ideais, deixa de merecer a confiança e amizade das pessoas honradas, porque com a sua cobardia e traição se coloca do lado dos inimigos do Povo Português.

O MARXISMO-LENINISMO ILUMINA A NOSSA ACTIVIDADE PRÁTICA

O estudo do materialismo científico, a educação dos militantes do Partido na base do marxismo-leninismo, da experiência do movimento comunista e operário internacional, da experiência da luta do nosso povo, constitui uma das condições fundamentais para o desenvolvimento do trabalho do Partido em geral e de cada militante em particular.

O marxismo-leninismo é uma doutrina científica, é uma ciência, a ARMA ideológica do proletariado revolucionário, sobre a qual assenta a linha política e tática da sua vanguarda organizada — os partidos marxistas-leninistas.

O marxismo-leninismo — é o conjunto das ideias dos grandes mestres do proletariado, Max, Engels e Lênine que indicaram a via revolucionária para

a sua libertação, para o derrubamento do capitalismo e para a construção de uma sociedade sem classes — a sociedade comunista.

O marxismo-leninismo deixou de ser um sonho para se tornar uma realidade viva para um terço da Humanidade. É à luz das grandes ideias do marxismo-leninismo que a sociedade marcha para um mundo sem guerras, sem opressores e exploradores, que marcha para um mundo de Paz, de trabalho, de liberdade, de progresso e felicidade.

A força do marxismo-leninismo como ciência, reside em exprimir os interesses vitais dos povos, as leis objectivas do desenvolvimento da sociedade, em dar solução prática aos problemas das massas colocados pela vida.



O marxismo-leninismo é a ciência e a experiência da luta do proletariado revolucionário mundial, a ciência da revolução socialista, da construção do socialismo e do comunismo. É o estudo desta ciência, a sua assimilação que cada militante necessita de fazer. A teoria revolucionária abre caminho à prática, ajuda a vencer as dificuldades e ultrapassar os obstáculos que se opõem ao desenvolvimento da luta, do trabalho do Partido e das tarefas diárias de cada militante; ajuda a interpretar a marcha dos acontecimentos, abre perspectivas, dá confiança na vitória e ajuda a encontrar a acertada solução dos problemas mais complexos. Os nossos mestres ensinam-nos e a vida prova-o que a prática sem teoria é cega e a teoria divorciada da prática é estéril.

Os partidos marxistas-leninistas são a forma superior de organização do proletariado, o seu destacamento avançado e consciente, a força organizadora e dirigente do movimento operário revolucionário. Para poderem cumprir a sua missão de combatentes de vanguarda, precisam de estar armados com a teoria científica do marxismo-leninismo, com o conhecimento das leis objectivas da revolução e do desenvolvimento social. Lênine, referindo-se à importância da teoria revolucionária, dizia: «Sem teoria revolu-

cionária não pode haver também movimento revolucionário... Só um partido dirigido por uma teoria de vanguarda pode cumprir a missão de combatente de vanguarda. Importa ter este ensinamento de Lênine presente na nossa actividade.

Para compreender melhor a necessidade de cada militante elevar o seu nível político e ideológico, importa ter presente que muitos erros, deficiências políticas e fraquezas do trabalho do P. em geral e de cada militante em particular; muitas incompreensões, indisciplina, liberalismo, sobrevivências pequeno-burguesas, falta de perspectiva política; dificuldades em compreender e analisar de forma realista os acontecimentos nacionais e internacionais, assim como o surgimento do radicalismo pequeno-burguês, o doutrinarismo de «esquerda», o oportunismo, a falta de firmeza revolucionária ante o inimigo, etc, têm as suas raízes no baixo nível político e ideológico dos militantes do Partido.

Elevar a consciência política de cada militante, na base do estudo vivo do marxismo-leninismo, do estudo da realidade do nosso país, vinculado à realização das tarefas do nosso Partido na preparação da revolução democrática e nacional, na condução do nosso povo para a revolução socialista é uma tarefa central do Partido.

A teoria e prática

Combinar a teoria com a prática revolucionária foi e será sempre uma necessidade para todos os verdadeiros marxistas-leninistas. O marxismo-leninismo não é uma colectânea de dogmas e fórmulas caducas, de esquemas e soluções já feitas. Lênine, lutando contra todo o espírito de dogmatismo no estudo da ciência marxista, dizia: «A teoria revolucionária não é um dogma, mas um guia para a acção» («Doença infantil»).

Assimilar o marxismo-leninismo não é aprender, de cor, as teses e fórmulas dos livros, divorciadas da vida da realidade, desligado das tarefas do Partido, da luta dos trabalhadores. Quem assim estudar a ciência marxista-leninista não é capaz de compreender o seu conteúdo criador, de compreendê-la como uma ciência ligada à vida e que se enriquece com novas teses; não será capaz de interpretar com espírito dialéctico os novos fenómenos nascidos da vida; de encontrar a justa solução prática dos problemas, de ganhar as massas para a luta e de conduzi-las no caminho da vitória.

Nós, comunistas, somos homens de acção. Damos o melhor da nossa vida para libertar o nosso povo da opressão e exploração fascista e conduzi-lo para a democracia e para o socialismo. Vincular a teoria com a prática é pôr em movimento

as grandes massas, ganhá-las para a orientação do P., organizá-las e dirigi-las para a luta contra o fascismo. Vincular a teoria à prática é estudar a realidade nacional, a vida de cada sector, fábrica, local de trabalho, é conhecer a experiência política das massas, as suas aspirações e disposição de luta, «Lutar e estudar e estudar e lutar», assim dizia Dimitrov no VII Congresso da I. C. em 1935.

Assimilar o marxismo-leninismo, saber ligar a teoria à prática é uma tarefa que exige muito esforço e estudo. Embora a elevação do nível político e ideológico dos quadros seja uma tarefa da direcção do P., ela é também uma tarefa de cada militante.

A leitura e estudo atento dos materiais e publicações do nosso Partido tais como o «Avante!», «O Militante» e os documentos e resoluções do nosso Comité Central é um dever e uma necessidade para todos os militantes do Partido. No momento presente a leitura e estudo do Relatório do camarada Álvaro Cunhal «Rumo à Vitória», assim como o projecto de Estatutos e o Projecto de Programa do Partido, constituem uma base fundamental para o estudo da realidade nacional, para o estudo dos problemas da revolução democrática e nacional.

Uma experiência sindical

O ano de 1965 aproxima-se e, no seu início, novas perspectivas de lutas se abrem à classe operária em especial à volta dos sindicatos e secções sindicais onde se realizarão, ou se devem realizar, eleições para os novos corpos gerentes. Porque a luta pela colocação de direcções sérias,

firmes e honestas à frente dos sindicatos é uma parte importante da luta geral que os trabalhadores travam pela satisfação das suas reivindicações imediatas, vamos hoje publicar uma experiência sindical que, embora não tenha sido vitoriosa, encerra aspectos positivos bastante oportunos e actuais

Organização, Primeira Tarefa a Realizar

Há já algum tempo realizaram-se eleições para novos corpos gerentes num sindicato duma determinada região do país. As eleições estavam marcadas para Março mas já em reunião efectuada em Novembro do ano anterior o organismo regional do Partido discutiu as primeiras medidas a tomar com vista às eleições e, desde logo, ficou assente apresentar uma Lista de Unidade afim de escorregar a direcção que se mantinha ininterruptamente a gerir o sindicato há nove anos. Este é um aspecto fundamental para a boa condução da luta: a discussão com tempo das medidas a tomar e o planeamento das acções a conduzir até se conseguir o objectivo final.

Nas reuniões preparatórias realizadas no centro onde era mais forte a organização do Partido, chegou-se à conclusão de que só haveria possibilidades de vitória se a luta fosse alargada a todo o distrito pois, isoladamente, nenhum concelho poderia, com perspectivas de êxito, lutar contra a direcção anichada no sindicato.

A primeira medida orgânica a tomar-se foi a constituição duma comissão sindical neste concelho composta por operários das principais empresas e em ligação com as empresas menores. A formação desta comissão foi levada a cabo pela organização partidária que convidou para ela os operários com mais prestígio e idoneidade nas respectivas empresas, sem olhar à sua filiação político-religiosa.

Constituída esta comissão procurou-se, na base de ligações e conhecimentos partidários, e na base de conhecimentos pessoais, alcançar os outros concelhos. Tal foi conseguido, e dentro em pouco, havia mais uma comissão num deles e sólidas ligações com o outro. A partir dessa data passaram a haver contactos regulares entre os três concelhos e ainda com outras terras onde se localizavam algumas empresas de menor importância.

Feito isto, tinha-se realizado a primeira parte do trabalho, isto é, tinha-se montado a organização sindical à escala distrital que iria dirigir a luta.

A Lista de Unidade e o Caderno Reivindicativo

Passou-se, em seguida, à segunda fase, à formação da Lista de Unidade, com a consequente recolha de assinaturas dos que a subscreveriam e, elaboração do Caderno Reivindicativo. Assentou-se no número de sindicatos que caberia a cada concelho e, dentro deste, a cada empresa fundamental. Para obstar qualquer contingência escolheram-se mais dois candidatos que os estatutariamente necessários. Resolvido este ponto, passou-se à escolha dos candidatos a qual se revestiu de aspectos diversos, de concelho para concelho e de empresa para empresa, mas sempre importantes porque foram na sua maioria realizados em estreita ligação com as massas. Assim, no principal concelho e na principal empresa, fizeram-se duas eleições.

Na primeira tomou parte todo o pessoal da mesma (inclusive o pessoal técnico), e foram eleitos um delegado por cada secção. Na segunda eleição tomaram parte apenas os delegados das secções os quais elegeram entre si os candidatos definitivos.

Noutro concelho e noutras empresas realizou-se apenas uma eleição, na qual foram eleitos os candidatos. E ainda noutras, foi a comissão sindical que designou o, ou os candidatos para a lista.

Enquanto estavam decorrendo as eleições ou nomeações dos candidatos, a comissão sindical distrital elaborou o Caderno Reivindicativo que deveria servir de base à Lista de Unidade. Nesse Caderno foram inseridas as reivindicações mais



prementes de toda a classe—revisão e actualização da «Regulamentação da Indústria» (do ramo), ou promulgação de um Contrato Colectivo de Trabalho, etc.—e ainda as reivindicações específicas da classe de cada concelho—constituição de secções

sindicais, etc. Preparado o Caderno Reivindicativo foi o mesmo divulgado amplamente entre as massas trabalhadoras (verbalmente e por escrito), e completamente apoiado pelos componentes da Lista.

Manobras fascistas

Elaborado o Caderno e preparada a Lista de Unidade, para terminar esta fase faltava apenas a recolha das assinaturas dos proponentes desta e a entrega de tudo ao sindicato. Procedeu-se, pois, à recolha das assinaturas que se julgaram mais do que suficientes para propor a Lista e, juntamente com ela, entregou-se tudo, antes do prazo estabelecido estatutariamente ter terminado, ao presidente da Assembleia Geral o qual procurou logo declinar as suas atribuições ao presidente da Direcção. Foi, no entanto, impedido disso pelos delegados que lhe fizeram a apresentação da Lista os quais entregando-lhe em duplicado quer esta quer as assinaturas, exigiram no acto da entrega a sua assinatura em cada um dos exemplares de como tinha recebido os documentos nessa data. Mas como sempre acontece em quase todos os sindicatos ditos nacionais, o presidente da Direcção, que assistiu a parte do acto, pretendeu desde logo, demagógicamente, atenuar os efeitos da luta em curso, com promessas de futuras regalias. E também para o quadro não ficar incompleto, o empregado da secretaria

do sindicato, um fascista notório, fez alusões e veladas ameaças a irregularidades estatutárias cometidas na elaboração da Lista e na recolha das assinaturas. Para obstaculizar a concretização de algumas dessas ameaças, recolheram-se mais assinaturas de apoio à Lista que se enviaram para o presidente da Assembleia. E assim se chegava ao fim da segunda parte da luta. Agora havia que aguardar a decisão daquele. E ela não se faz esperar. Invalidação da Lista com o fundamento de que uma parte dos subscritores não estavam devidamente sindicalizados, não sendo, portanto, sócios eleitores. Outras assinaturas foram invalidadas porque entraram fora do prazo.

Esta última parte do trabalho da comissão sindical (recolha de assinaturas de subscritores com irregular situação sindical e entrega de assinaturas fora de prazo) constituiu uma das principais deficiências desta comissão que facilitou o trabalho de sabotagem da lista de unidade por parte dos dirigentes sindicais fascistas.

Continuar a Luta para Além das Eleições

Uma onda de indignação e revolta invadiu a maioria dos operários que apoiavam a Lista de Unidade. Urgia, pois, aproveitar esse descontentamento. Assim fez a comissão distrital que estudando a situação, chegou às seguintes conclusões: se fosse possível levar a massa operária a votar em lista branca era de seguir com tal orientação porque assim se exigiria a anulação das eleições e a marcação de novas eleições onde se corrigissem os erros cometidos durante todo o processo destas. Se tal não fosse possível então só haveria que ir para a abstenção ainda que enviando delegações de sócios ao sindicato assistir à eleição, os quais aproveitariam esta para colocar alguns problemas da classe. E foi esta a orientação que acabou por prevalecer porque a primeira dependia do voto por correspondência da maioria dos sócios eleitores e como as cartas enviadas pelo sindicato para esse fim foram entregues quase na véspera da eleição, o que impedia o seu reconhecimento notarial ou administrativo antes de serem enviadas ao presidente da Assembleia, não houve possibilidades materiais de levar para a frente tal orientação.

Assim, no dia da eleição, delegações de operários de várias empresas deslocaram-se à sede do sindicato e fizeram aí, pela primeira vez, uma apertada fiscalização ao acto eleitoral, desmascarando as irregularidades aparecidas e criticando vários aspectos da actividade da direcção e, em especial, o empregado-fascista, o qual foi afastado da sala

de eleição, o mesmo acontecendo às forças repressivas que por lá apareceram e a quem não foi permitida a permanência na sala.

Quando o acto eleitoral terminou a Lista de Unidade não tinha triunfado. Porém, tal facto não invalidava todo o magnífico esforço realizado, toda a experiência colhida para o futuro. E de concreto alguma coisa se tinha imediatamente conquistado. A inclusão na lista eleita de um representante de cada um dos outros dois concelhos, e o grande número de operários que, no decorrer da luta, se tornaram sócios efectivos a partir dessa data, abrindo assim perspectivas para futuras eleições.

Mas para além de tudo isso estavam a organização montada e a movimentação de massas desencadeada a qual, iniciada para a luta sindical, virou a sua direcção para as empresas na luta por aumentos de salários, luta essa que veio a dar os seus frutos após várias fases, as quais foram desde a redução da produção até às concentrações nas gerências.

Esta experiência mostra-nos como é possível numa base sindical, organizar e mobilizar parte da classe operária numa província ou região e travar luta pelos seus objectivos imediatos, quer sejam a eleição de direcções sindicais ao seu serviço, como na experiência presente, quer ainda na conquista de melhores salários ou condições de trabalho.